

Vicente Alves do Ó

Marilyn à Beira-Mar

OFICINA
DO LIVRO

1.

MARILYN ME

NÃO TEVE TEMPO de voltar a casa e de mudar de roupa. A chamada do hospital parecia aflita, desnorтеada, como só a mãe sabia ser.

O alarme na voz, o fado arrastado sempre o afastaram do raciocínio claro, do porquê das crises súbitas. Afinal de contas, tratava-se da mãe, o elo vivo de uma família que só o passado guardava num misto de lenda e de folhetim cor-de-rosa. Mas essas preocupações eram agora inúteis e atrasavam o regresso ao Alentejo. Despediu-se dos amigos, correu pelas ruas molhadas do Bairro Alto, entrou no parque de estacionamento e engatou a primeira do carro em segunda mão. E se ela morre? Se, desta vez, a solidão se aloja algures no corpo, desenvolve um elemento de ruína e a leva para sempre?

Há cinco meses que não se vêem. Mãe e filho. O tempo em Lisboa passa depressa, não há calendários nem apontamentos de vida que cheguem para tanto *stress*, tanta coisa por fazer. Há seis anos que a vinda para a capital os afastara. Nos primeiros tempos, ainda fez por apanhar a camioneta e visitá-la no apartamento à beira-mar. Mas a viagem de três horas era demasiado silêncio, e não há pior inimigo para o barulho da alma do que viajar.

Assim que atravessou a ponte e entrou na auto-estrada, uma ansiedade começou a sussurrar-lhe ao ouvido. Como se não bastasse o exercício diário em que o cérebro se perde, inventando histórias para filmes, Simão tinha agora de lidar com os elementos do melodrama que alimentam a condição humana. Odiava o sentido açucarado da vida; o pôr-do-sol dos amantes e a lua cheia dos poetas. Tudo era demasiado irritante e pequeno-burguês, o que provocava sorrisos cúmplices entre os amigos que lhe conheciam as origens humildes.

Simão considerava-se um aristocrata da existência. Mesmo sem dinheiro ou berço doirado, vivia a superioridade no ritual maníaco com que escolhia o cinema e os livros da sua vida: uma herança postiça. Mas naquela estrada deserta, a direito, rumando à vila piscatória que o viu nascer, não conseguia fugir às perguntas enjovativas que um cigarro na mão proporcionava. Como se estivesse num filme de Douglas Sirk ou numa produção *noir* americana. Um homem que volta ao passado, carregando segredos e angústias, que mais parece uma personagem da sua invenção, no entanto sem catarse ou indícios de final feliz. Verdade era a estrada e a solidão da viagem. Claro que podia sempre cantarolar a música que tocava no rádio ou colocar um CD gravado, mas as trivialidades afugentavam-no do lugar aonde talvez precisasse de voltar. Talvez fosse tempo, o tempo certo e único para abrir portas e histórias antigas que a distância apaziguara, como um incêndio descontrolado que se perde no corpo de alguém. Era tempo de pensar na mãe, porque não chorou quando o pai morreu, e na dor que antecipa se alguma enormidade a levar para uma viagem sem regresso. E se o pai e a mãe passavam a fazer parte da viagem, ele não podia deixar os irmãos em terra. Não a eles, que o amaram e odiaram com tanta força.

Simão tinha uma verdade só sua, construída de instantes e de ausências. Pequenas anedotas e relatos comovidos. Ao longo da adolescência apreendeu com falhas uma história que ainda hoje ecoa na terra onde tudo aconteceu. Isto porque os seus pais ganharam estatuto de mito local. Na boca das mulheres, essas contadoras de histórias exímias em detalhe e observação, o romance dos dois tinha sido, ou era ainda, um capítulo importante no quotidiano da população que assistiu como espectadora atenta e interessada. Uma novela rocambolesca, cujo desfecho permanecia envolto em mistério. Mas Simão era o único sobrevivente que conhecera em pormenor ambos os lados da barricada. No jogo do amor, as vitórias são sempre derrotas.

Faltam cento e vinte quilómetros. Como desbravar a noite sem deixar que os fantasmas o alcancem? Como avançar sozinho, abandonar o corpo estanque no automóvel e voar até ao leito, onde a mãe agoniza em dores pela medicina? A nostalgia presa no olhar, e a mão à procura dos cigarros que desapareciam na vertigem da estrada. Teria de parar na primeira estação de serviço, mas como abordar a senhora da caixa, vestido de mulher e de cabeleira loira? Simão era um homem alto. Tinha quase um metro e noventa, e os amigos insistiam que ele continuava a crescer. O corpo magro dava-lhe um porte elegante, se bem que em certos períodos do ano costumava ganhar alguns quilos. Perdia e ganhava, punha óculos e tirava, cortava o cabelo ou deixava-o crescer, desenhava a barba ou andava de cara descoberta, mas nunca era o mesmo, nem na roupa nem na atitude. A sua fidelidade resumia-se aos amigos e ao cinema. Nestes dois universos construiu a sua tribo. Os laços de sangue eram a parte indecifrável na sua concepção do mundo. Ele não percebia e, no entanto, era

fascinado pela ideia de família, pela capacidade selvagem e tirânica das pessoas se subjugarem umas às outras. Adorava dissertar sobre o assunto. A voz, treinada nalgumas experiências teatrais, dava-lhe profundidade e eloquência. Por isso, quando falava, tinha o dom de calar os outros, sabia manter o mistério e a resolução de uma história. Era um amante invisível de palavras. Fazia amor com elas. Mas naquela noite não tinha uma vítima para os seus jogos e trocadilhos. Estava sozinho, e levava apenas a memória como companhia.

Seria possível deixar o passado na berma da estrada? Travar a fundo e voltar para trás? Fugir, fugir sempre, numa patologia recorrente, de um destino na família da mãe, repleto de desaparecimentos e emigrações? Ao mesmo tempo, Simão tinha um profundo amor à terra, à planície e às qualidades sem artifício daquela gente, magnífica, cheia de traços romanos e árabes que fluíam no sangue como um passado velho e glorioso. Acreditar neste desígnio era uma fuga ancestral, a desculpa para viver acima do marasmo e da condição plácida e portuguesa.

Reescrevia episódios inteiros no seu caderno de vivências. Pormenores do quotidiano, mortes e nascimentos, enleios familiares e desgostos amorosos. Lembrava-se deles com a delicadeza de quem espreita o exemplar único de um livro raro; onde mais ninguém pode tocar. Escritos a tinta permanente num papel de fumar, que rapidamente se desvanecia quando ele virava costas. E se, nesse regresso a casa, era tempo de encontrar redenção ou respostas convictas, também era urgente descobrir os porquês. Tinha de existir uma razão plausível para a fuga constante e quase alérgica à mãe que tanto ama e amou e que o ama, como a mais ninguém.

– Simão! Simão! A mãe vai morrer!

Gritava desvairada, abrindo a porta da sala e apoiando-se na ombreira, em camisa de dormir e com o cabelo desgrenhado. Simão, que dormia no sofá-cama com a luz amarelada dos candeeiros entrando pela janela, acordava em sobressalto, levantava-se e ajudava a mãe. Dava-lhe um cigarro, chamava uma ambulância, procurava a mala e os documentos, trazia o robe, um par de sapatos e aguardava junto à porta, olhando-a de soslaio, curvada, ofegante, escondendo o rosto no cabelo ruivo. Não conseguia aproximar-se dela. Tinha um medo terrível de perdê-la numa dessas viagens que se tornaram num ritual nocturno.

O que seria dele, com onze anos mal feitos, sem ninguém? Depois lá vinham os bombeiros que subiam as escadas e conduziam a operação sempre com a mesma calma. Conheciam-lhe os ataques. Ela gemia um pouco, o olhar esgazeado, tentando sempre agarrar o filho pela camisola do pijama, descendo até à rua deserta, apenas iluminada pelas luzes do veículo, ela na maca e ele ao lado, com a mala ao colo, ansioso por tudo aquilo terminar. O hospital ficava a vinte minutos dali, numa vila rival, mas o trajecto parecia não ter fim.

– ‘Tadinho do meu menino. Quem é que vai tomar conta dele? Ai, Simão, Simão, a mãe morre e tu ficas com quem? Ai Simão, soubesse eu o que sei hoje...

No hospital, à espera que a trouxessem de volta, já com a luz da manhã e o frio de volta dos pés, Simão compunha monólogos febris. Como nunca abandonaria a pobre mãe, como seria rico quando crescesse para lhe dar uma vida fácil e protegida. É que ela, independente desde os vinte anos, tinha-se feito à vida, e a vida tinha-lhe dado o que bastava para ser sozinha e não precisar

de ninguém. Mas agora, com cinquenta, a vida reclamava todas as dádivas com um sorriso matreiro. E se, naquele tempo, Simão tentava perceber a mãe e não chegava a conclusão nenhuma, hoje, vinte anos depois, as respostas pareciam simples e claras, como o chão lavado pela empregada de serviço que, nessa noite, no hospital, lhe ofereceu umas bolachas para ele não estar em jejum. Mas era nessas horas, sim, porque eram horas, enquanto ouvia os gemidos da mãe no corredor à espera de um médico, que punha a leitura em dia.

– Só podes levar três, Simão! Três! – dizia a funcionária por cima dos óculos, enquanto arrumava os volumes devolvidos naquele dia. Simão era o orgulhoso sócio trinta e três da biblioteca municipal. Certa manhã, saiu de casa pronto a fazer duas coisas muito simples e que só dependiam da sua vontade. Tornar-se sócio da biblioteca e frequentar a catequese. Desceu a rua em direcção ao mar e abraçou Deus e os livros. Mas se Deus é assunto para mais tarde, os livros eram companheiros fiéis nessas viagens de rompante ao hospital. Pois se tinha tempo de sobra enquanto esperava, porque não aproveitá-lo da melhor maneira? Começou pela banda desenhada, mas os heróis aos quadrinhos não roubavam o suficiente daquela sala fria e mal-amanhada, com cadeiras de plástico e cinzeiros sujos. Só quando descobriu a biblioteca, tudo se tornou mais fácil. Era um regalo e uma tristeza. Um menino assim, com o cabelo aos caracóis, a pele branca e os olhos amendoados, a ler um grande livro de quinhentas páginas tão atentamente, tão deslocado de toda a tragédia física que percorria o edifício. As senhoras faziam contas à vida e sonhavam ter um filho tal e qual, e os homens, curiosos e ameaçados, testemunhavam com alguma displicência aquele rebento a fazer-se grande, mais calmo do que eles,

sem medo, pronto a roubar-lhes o lugar. Mas Simão estava longe de tudo isso. Muito longe. Fugia para as paragens que o livro cimentava nos seus olhos. Fugia, mais uma vez, a primeira vez, como continuou a fugir desde então, sempre que podia, até que apanhou uma camioneta para Lisboa e nunca mais voltou. E hoje, tantos anos depois, regressa ao mesmo hospital, pelas mesmas razões, ou outras, salvo seja, mas proprietário de um *Nissan Micra* em segunda mão e vestido de Marilyn Monroe, a rigor, com sinal por cima do lábio e tudo. Vestido para rasgar as ruas do Bairro Alto, numa noite de Carnaval.

– O telemóvel está a tocar, Simão! – disse-lhe o marinho, enquanto distribuía as bebidas pelos amigos. Simão pegou na *pochette* num gesto teatral, anunciando que só podia ser o Presidente Kennedy, e atendeu a chamada. Do outro lado da linha, a funcionária do hospital dava-lhe a notícia e pedia-lhe que viesse o mais depressa possível. Despediu-se dos amigos e saiu do bar, descalçou os sapatos de salto alto e correu rua abaixo, fugindo mais uma vez, mas agora em direcção ao passado. E já na auto-estrada, tentando limpar a maquilhagem, pedindo aos deuses que ninguém o mandasse parar naqueles propósitos, porque tinha de chegar, tinha de chegar, tinha medo de não chegar a tempo e o tempo dela estar por um fio. E tudo parecia longe, muito longe do lugar onde queria estar.

– ‘Tou? Sim, sim, vou a caminho. Vais lá ter? Como é que conseguiste o meu número? *Ok...* Não, não te preocupes, eu trato de tudo. Não podes? Claro... sim, sim, claro. Eu compreendo...

Não era a primeira vez que o irmão Pedro faltava a um dever de filho. Há anos que não se falavam, e se ele agora telefonava é porque o estado da mãe só podia inspirar cuidados. Seria um sinal? Uma sentença? Simão preferia

concentrar-se na irritação constante que pautava a relação dos dois e deixar para trás das costas a resposta. *Que raios só ligar agora, quando a desgraça se veste de gala para bater à porta. Não podia vir em pior altura.* Mas a família de Simão sempre parecera algo surreal, decalcada dos livros, das telenovelas até, tal o embrulho de enredos e de situações extremadas. Uma estória em que ninguém acredita senão como fruto da ficção. Era nesse espaço mental que Simão procurava refúgio. No brilho incandescente das palavras, onde a força brutal da vida ganha laivos de fatalidade, como a célebre proporção divina, onde os matemáticos encontram a deusa de todos os seres vivos e celestiais.

Pedro, a outra metade que nunca foi. O primeiro, o primogénito, agora com quarenta e oito anos. Quantas e quantas vezes se enfrentaram à mesa, Simão adolescente e o irmão casado e pai de um filho que também fugiu dele? Como era possível que fossem tão diferentes? Germinados no mesmo útero, na mesma mãe que os abraçou e, no entanto, no olhar verde seco do mais velho, uma estranha acidez parecia corroer todos os gestos e palavras que aprendeu ao longo da vida, utilizando-os como armas de arremesso contra aqueles, especialmente aqueles, que o amavam. Ainda assim, havia um eco de razão para tanta mágoa. Um eco de outro tempo que só ele poderia recordar. Simão tinha dezoito anos de diferença do irmão. Podia até compreender algumas das investidas, mas não todas. Especialmente esta. Ocupado ou não, vá-se lá saber com o quê, já que vivia de rendimentos, era sua obrigação largar as patuscadas e os amigos e correr para o hospital onde a mãe deu entrada. Pior. Se Simão escolhera a cidade e a lonjura, Pedro permanecera sempre por perto, a pouco mais de vinte quilómetros da vila onde a mãe continuava a viver.

Mas Pedro não vinha, nem sabia, nem queria saber, e Simão, apesar de tudo, escondia secretamente nestas

deambulações a verdadeira razão do irmão. Bastava-lhe procurar e facilmente encontraria a resposta. Difícil era enfrentá-la e, pior do que isso, concordar com o irmão mais velho. Concordar com tudo e lavrar um pacto de sangue. Juntos, fosse por que razão fosse, jamais voltariam a vê-la. Nem que para isso mudassem de nome, de país, continuassem a fugir às suas garras, aos patéticos telefonemas carregados de mágoa e de lágrimas. Pois a cada instante de humanidade, ela perdia o fascínio que crescera nos rapazes. Um fascínio mórbido por alguém que fez do erro e do egoísmo a sua bandeira. Dir-se-ia que esta mãe querida, seguidora de bruxa má, inspirada num desenho animado da Disney, podia amar até à exaustão os filhos que apenas atravessaram a sua vida. Porque foi isso mesmo que aconteceu. Um encontro. Um breve e explosivo encontro.

Nem Simão nem Pedro queriam aceitar duas evidências fundamentais. Que ela é humana e, como tal, falha até com aqueles que mais amou e, segundo, que ela está a envelhecer rapidamente, perdendo o brilho augusto que nunca, mas nunca, pensariam ser possível dissipar-se. Porque esta mãe, apesar de tudo, era perfeita. E como pode uma mulher perfeita encarnar o papel de mãe dedicada e prestimosa? Como pode ser simples, quotidiana e preocupada com os detalhes da simplicidade? O seu dever era nunca descer à raiz da existência, descalçar-se e caminhar na terra como as outras mães e mulheres que cirandavam pela vila, em trajes escuros e lenços na cabeça para assustar a vida que pudesse tomar-lhes o pulso e a respiração. Nem Simão, num tom mais comedido, nem Pedro, num vetusto machismo, queriam ver ou acreditar nessa possibilidade e, a pouco e pouco, iam tentando limitar-lhe a decadência; recusando-se vê-la, espicaçando-lhe o espírito. Mas as evidências eram incontornáveis, marcadas no corpo

como frisos instantâneos, um atrás do outro, rasgando a carne e o olhar por dentro e por fora, e no espelho, sim, porque a mãe não era desprovida de inteligência, a constatação da ruína potenciava uma depressão que cedo rebentou em ataques de pânico que acordavam o pequeno Simão em dias de escola e seguiam de ambulância até ao hospital. Como tranquilizar uma mulher quando a vida lhe escorre pelos dedos e a solidão é um cálice cheio de memórias? Como obrigá-la a aceitar a pior das derrotas e compreender que a beleza é um castigo da juventude quando se ganhou consciência da mortalidade? E se estas eram as suas preocupações, onde moravam as necessidades do filho que ainda vivia com ela? Onde morava a responsabilidade de educá-lo e de transmitir-lhe a coragem e a determinação necessárias para encarar o mundo, quando se abrem janelas para voar e nunca mais se regressa ao ninho? Onde? Não tinha ela também fugido de casa, sozinha, sem saber do futuro e sem se preocupar com a vida? Queria ela o mesmo para o pequeno Simão? Pois se era isso que queria, foi isso mesmo que Simão lhe deu.

Um sinal na estrada anunciava o início do Alentejo. A planície de vento, o labirinto invisível, o quadro de rabiscar, o destino a giz e o desejo de silêncio. Uma terra maior que o mundo, do tamanho da literatura, de um poema aberto na cabeça dos homens, no regaço das mulheres. O cosmos alinhado na casualidade das equações, no infortúnio da tragédia, na odisseia do amor. Para este filho alentejano, a terra estendida à sua frente, apenas iluminada por um rasgo de lua, era um palco aceso na boca dos deuses. Um estranho continente de brumas e fogueiras. A fome de viver com uma intensidade carnívora e, no entanto, mansa, quase indelével, como se a vida fosse um livro contínuo cujas páginas avançam no clarão dos trovões. Simão estava a caminho de casa,

e chorar na via ápia da sua aflição era chorar no conforto de alguém que nos abraça. Se bem que ainda faltavam alguns quilómetros, abriu o vidro na esperança de cheirar o perfume do mar; mas ainda era cedo. Teria de sair da auto-estrada, subir a Serra de Grândola, descê-la e, só então, numa espécie de promontório de alcatrão, a brisa fresca do oceano daria sinais da sua presença. Na loucura do telefonema, nem lhe passou pela cabeça parar em casa. Claro que podia sempre contar com Beatriz. Era bem possível que ela ainda guardasse alguma roupa sua, mas o tempourgia noutra direcção, e a vergonha é tudo menos compatível com a incógnita que o fazia correr. Só estaria satisfeito quando chegasse ao hospital. Depois, sim, descansaria e até estaria disposto às risadas dos que por ali estivessem ao vê-lo naquela figura. Antes disso, vestido de mulher, Marilyn, sereia ou avó, a sua demanda exigia segurança, rapidez e alguma serenidade, coisas que não faziam parte desta personalidade inconstante. Aliás, como costumava declarar em momentos de alguma fragilidade, tudo o que herdara da família, quer do pai quer da mãe, tinha uma tendência para o desequilíbrio. Por sorte não avançou pelo negrume de alguns excessos que destruíram os irmãos, mas o excesso da vida, essa teia impregnada de sombras que habita a cabeça dos homens, arranjava um poiso seguro no seu crescimento. Simão sofre doutros males que mais ninguém vê, cujos sintomas são imperceptíveis. Males da criação que o deixam a falar sozinho, a viver fora do corpo, a enfrentar imaginações e páginas em branco. Males do ser que reivindicam até a razão da sua existência. Mas essa é outra batalha. Por agora continuemos com ele numa única preocupação. E para que a preocupação não cresça mais, adiantemos o relógio e os quilómetros da estrada. Façamos de conta que ele volta a abrir o vidro

e a brisa fresca do mar se faz sentir. E se a brisa se revela, também o fim da viagem, num curto espaço de tempo.

– ‘Tou? Beatriz? Sou eu. ‘Tou a caminho. A minha mãe deu entrada no hospital. Ainda não sei. Podes vir ter comigo? Mais meia hora, quarenta minutos. Sim, sim. Obrigado.

Tendo em conta a relação de seis anos, não era difícil adivinhar a resposta da ex-namorada. Conheceram-se num final de tarde, junto à baía. Ela tinha o condão de acalmar as tempestades, os desatinos, as crises e os dramas obscuros. Era o farol da sua vida. Beatriz é uma alma especial, um ser humano no esplendor da sua fragilidade; como se o tempo e a história do mundo atravessassem o seu corpo. Ela é a personificação da deusa, a Eva que não nasceu da costela de Adão, mas a Eva que desenhou com a ponta dos dedos a árvore da sabedoria e embalou o homem que haveria de guerrear o mundo e de escrever o romance. Beatriz, a vidente, a sacerdotisa, o amor puro que ninguém renega, que todos veneram, que brilha acima das cabeças e do cinismo ambulante em que se tornou a cidade. Beatriz, a mãe e a amante, o alvor afiado das manhãs, o terno adormecer das noites. E agora, mais uma vez, depois da separação, ele sabia que podia contar com ela, como sempre.

S. Torpes é um Alentejo diferente. Um cruzamento ambíguo entre a tradição e a modernidade suburbana. Entre as velhas famílias de província e a multidão de orientais, de europeus de leste e de africanos. A cidade sofreu graves metamorfoses desde o final dos anos sessenta, quando um complexo industrial alterou a paisagem. Ainda hoje continua a crescer, a usurpar as terras agrícolas dos que apenas aprenderam a cultivar e a recolocá-los em fábricas cinzentas e lojas cujos produtos são maioritariamente

made in China. Inventou-se uma nova estética em que o aproveitamento de sótão, o prédio de quatro andares e a rua totalmente cimentada ganharam laivos de progresso e de beleza arquitectónica. Apenas a geografia da baía permanece a salvo, mesmo com a grande avenida inspirada no calçada brasileiro, e o promontório de rocha, onde antigamente se erguia um mosteiro, rebentado no seu ventre para deixar passar uma estrada. Mesmo assim, terra violada, odiada no seu esquecimento, S. Torpes mantinha uma aura humilde e tranquila, um semblante primaveril e campesino. Era S. Torpes de outros tempos que Simão revisitava, escusando-se a comentar as novidades que enchiam de orgulho os políticos locais e os empreiteiros polifónicos. Gente que assassina na linguagem a sua origem e entrega a alma ao diabo. Quando abandonou a vila que o viu crescer, Simão prometeu que nunca mais voltaria. Um misto de frustração e vergonha. A família sofria de um mal caricato e, no entanto, carnívoro. Por ser uma das famílias mais destacadas da povoação, tudo o que lhes acontecia era notícia nos botequins, no mercado ou até no porto de pesca. Não havia movimento ou decisão que não fosse apregoado em hasta pública. E o hábito desse reconhecimento fez-se tradição. Hoje, a família diluiu-se, os filhos dos filhos são mais discretos, mas os pais, para aqueles que nasceram na terra, continuam a professar uma espécie de folhetim, sempre curioso e tóxico. Num meio pequeno e pacato, onde ninguém espera nada, a combustão das emoções traz a vida num pavio curto, pois só no quotidiano se pode sentir na carne a verdadeira existência. Tal como ela é. Cruel, selvagem e melodramática.

E neste turbilhão, neste vaivém de considerações bacocas e filosofias de alguidar, Simão aproximava-se rapidamente de Santiago, onde ficava o hospital que ele conhecia como a palma da mão. Entrou na vila, reconheceu